
VIOLÊNCIA ESCOLAR: PROBLEMATIZANDO A RELAÇÃO ENTRE O BULLYING E A HOMOFOBIA

Joilson Pereira da Silva¹
Nayana Santana Barreto²

RESUMO

A escola é uma instituição que exerce papel fundamental na formação dos seres humanos, contribuindo na socialização, no aprendizado e na construção de pensamentos e ideias. É reconhecendo a importância do contexto escolar no processo de desenvolvimento dos jovens, bem como nas suas perspectivas de vida, que este artigo aborda uma ampla compreensão acerca do bullying e sua relação com a homofobia. Através de um levantamento bibliográfico, o artigo explora também a influência exercida pela construção da heteronormatividade na violência contra homossexuais. A homofobia e o bullying apresentam relações estreitas que devem ser analisadas, pois através da problematização da temática será possível a elaboração de ações preventivas e medidas de combate ao problema na busca por um contexto escolar seguro e saudável.

Palavras-Chave: Bullying, Homofobia, Contexto Escolar.

ABSTRACT

The school is an institution that plays a fundamental role in the formation of human beings, contributing to the socialization, learning and the construction of thoughts and ideas. It is recognizing the importance of school context in the process of youth development, as well as their outlook on life, this article addresses a broad understanding of bullying and its relation to homophobia. Through a literature survey, the article also explores the influence exerted by the construction of heteronormativity in violence against homosexuals. Homophobia and bullying have close relations to be analyzed because through problematization will be possible to elaborate preventive measures to combat the problem in the search for a safe and healthy school environment.

Keywords: Bullying, Homophobia, School Context.

Caro leitor, imagine-se enquanto estudante de uma escola na qual você sofre humilhações, intimidações e agressões frequentes de seus colegas simplesmente pelo fato de ser diferente, de possuir uma característica que não é tolerada pelos demais, fazendo com que seja vítima constante de preconceito e exclusão. O isolamento se tornou seu

¹Doutor em Psicologia pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha (2005). Adjunto II da Universidade Federal de Sergipe, Brasil. E-mail: joilsonp@hotmail.com

²Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe - UFS. E-mail: nay.psicologia@gmail.com. Esta pesquisa teve a participação de Jackeline Maria de Souza.

comportamento frente às provocações e seu processo de socialização é difícil, pois os seus colegas não o aceitam como você é. Ir à escola vai se tornando um desejo cada vez mais escasso, pois o colégio se tornou um ambiente de tortura, o prazer de estudar é substituído pela angústia e medo de ser mais uma vez alvo de piadas e xingamentos.

A proposta de imaginar a situação fictícia descrita acima tem como intuito introduzir a temática abordada nesse estudo. O ambiente escolar é um espaço fundamental no processo de socialização do indivíduo, marcando a transição da infância à adolescência. Sendo assim, deve se caracterizar por ser um local seguro, que oferece proteção ao jovem, além de prepará-lo para o futuro e apresentar um eficaz processo de ensino-aprendizagem, sempre primando pelo bem-estar dos seus alunos. Em seu entorno ocorrem múltiplas relações interpessoais, entre alunos e professores, alunos e colegas de classe, professores e administração. O que se evidencia é que essas relações estão carregadas de significados, de símbolos a nível micro e macro social, pois os laços positivos e negativos que são estabelecidos representam a comunidade em que estão inseridos, bem como a política, economia, valores éticos e morais, a cultura, o contexto sócio-histórico (NEVES, REZENDE & TORO, 2010).

O papel da escola se torna algo decisivo na inserção do indivíduo no mundo social, porém esse papel está sendo colocado em questionamento diante da situação atual na qual se constata que esse espaço torna-se cada vez menos seguro e confiável. Os jovens se deparam com um local onde ele não está protegido de ameaças, perseguições, maus-tratos, onde ele fica frente a frente com a exclusão social e a violência, o que desestimula os estudos e pode acarretar a evasão escolar (ABRAMOVAY & RUA, 2002).

É reconhecendo a importância do contexto escolar no processo de desenvolvimento dos jovens, bem como também nas suas perspectivas de vida, que este artigo vem abordar o fenômeno denominado bullying e sua relação com a homofobia. Através da realização de um levantamento bibliográfico, o estudo explora também a influência exercida pela construção de uma cultura da heteronormatividade (a qual concebe

a heterossexualidade como o padrão de normalidade) na violência e no processo de exclusão praticada contra homossexuais.

Assim, em busca de uma análise crítica e reflexiva, destaca-se a importância do contexto sócio-histórico-cultural nas relações interpessoais imersas no âmbito escolar. É fundamental salientar que a homofobia e o bullying apresentam relações estreitas que devem ser amplamente analisadas, pois é através da problematização da temática que será possível a elaboração de ações preventivas e medidas de combate ao problema, possibilitando à população um maior esclarecimento sobre o assunto e, conseqüentemente, uma maior qualidade nas relações escolares entre adolescentes.

VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESCORTINANDO O BULLYING

A fundamentação teórica do artigo abarca os estudos de autores como Lopes Neto e Cléo Fante, importantes no desenvolvimento e na propagação de conhecimentos sobre a temática. A violência escolar vem sendo amplamente pesquisada e se constitui em um tema que adquiriu notoriedade social a partir da ocorrência crescente de casos que suscitaram uma preocupação e atenção especial devotados ao problema. Porém, até pouco tempo, a escola era um ambiente pouco explorado como local perpetuador da violência (LOPES NETO, 2005).

A Organização Mundial de Saúde (2002) refere-se à violência como:

(...) uso intencional de força física ou poder, em forma de ameaça ou praticada, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade que resulta ou tem uma grande possibilidade de ocasionar ferimentos, morte, conseqüências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação (p. 5)

A violência no âmbito escolar pode ser dividida em duas modalidades. A primeira se refere aos atos de vandalismo contra a escola, danificando o patrimônio escolar e os bens de funcionários. A segunda focaliza as agressões físicas e verbais entre os estudantes ou direcionada aos professores e funcionários (SPOSITO, 2002).

No presente artigo o tipo de violência escolar que será amplamente discutido é o bullying. Segundo Fante (2005) o bullying é um conjunto de atitudes agressivas e repetitivas adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento e que tem como características a falta de motivação aparente, a intencionalidade do ato e a repetitividade. Tais atitudes englobam insultos, gozações, humilhações, agressões, perseguições que causam danos físicos, emocionais e psicológicos na vítima.

É importante ressaltar que a violência conceituada como bullying é observada não somente nas escolas, mas também em outros ambientes como no trabalho, na família, nas forças armadas, prisões, condomínios residenciais, clubes e asilos como aponta Fante (2005). O bullying é um fenômeno universal, mas seu vocábulo não é utilizado em todos os países, muito embora haja uma tendência para a uniformização do termo, sendo que no Brasil alguns autores adotam também o termo intimidação.

Os estudos sobre essa temática iniciaram-se na década de 70 com as investigações feitas por Olweus. Já em 1982 um fato impulsionou ainda mais as pesquisas, pois na Noruega três estudantes entre 10 e 14 anos cometeram suicídio por serem vítimas desse fenômeno. Desde então o bullying acabou se tornando um problema de saúde pública por causar prejuízo ao bem-estar dos envolvidos (NEVES, REZENDE & TORO, 2010).

Conforme exposto por Fante (2005) os praticantes do bullying são conhecidos como autores ou agressores, havendo também outros atores envolvidos: as vítimas ou alvos e as testemunhas. O autor de bullying é descrito como um indivíduo tipicamente popular que tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; apresenta atitudes hostis inclusive com adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; se sente poderoso ao provocar sofrimento na vítima e é geralmente mais forte que seu alvo.

As vítimas, na maioria das vezes, são descritas como pouco sociáveis, inseguras, ansiosas, possuindo baixa autoestima, são quietas e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Porém elas não representam um grupo homogêneo, as características mencionadas acima (insegurança, incapacidade de se defender) são de

vítimas passivas, havendo ainda as que são provocativas, cujas atitudes são agressivas, de temperamento exaltado e o indivíduo revida o ataque sofrido. Já as testemunhas, geralmente, apresentam comportamento passivo, não participam diretamente em atos de bullying e geralmente se calam por receio de tornarem-se as próximas vítimas (LOPES NETO, 2005).

O bullying apresenta como característica o desequilíbrio de poder entre o alvo e o autor, sendo que o primeiro apresenta atitude passiva perante a agressão e se angustia devido ao medo da intimidação (exceto as vítimas provocativas). Os comportamentos violentos que caracterizam o bullying podem ser classificados como diretos ou indiretos. No direto, a vítima é atacada com apelidos, agressões físicas, ameaças, chantagens e roubos. No indireto, são características atitudes mais sutis, porém que tem o mesmo dano sobre a vítima, tais como os comportamentos de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima (LOPES NETO, 2005).

Para Antunes e Zuin (2008), o bullying pode ser classificado em: diretos e físicos: agredir fisicamente, roubar ou estragar objetos dos colegas, extorquir dinheiro, forçar comportamentos sexuais, obrigar ou ameaçar a realização de atividades servis; diretos e verbais: que incluem, insultar, apelidar, fazer comentários racistas ou que digam respeito a qualquer diferença no outro e por fim, os indiretos: que incluem excluir o indivíduo, realizar fofocas e boatos, ameaçar de exclusão do grupo com o objetivo de obter algum favorecimento, ou, de forma geral, manipular a vida social do colega. Há também o cyberbullying, o qual se utiliza de tecnologias de informação e comunicação para ridicularizar a vítima, assim, a agressão virtual ocorre por meio de mensagens de celular ou de computador através de e-mails e redes sociais como facebook, orkut e twitter, entre outros.

Em estudo realizado com 1.075 estudantes de 1ª a 8ª séries de duas escolas públicas de ensino fundamental do bairro Fragata de Pelotas (RS), a prevalência de estudantes que sofreram bullying foi de 17,6%. Sendo que, 47,1% dos alvos revelaram já ter

provocado bullying na escola. Quanto ao tipo de intimidação, 75,1% foram verbais, 62,4% físicas, 23,8% emocionais, 6,3% racistas e, 1,1% sexuais (MOURA *et al*, 2011).

Já a pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), em 2002, envolvendo 5.482 estudantes de 5ª a 8ª séries, de 10 escolas do Município do Rio de Janeiro, revelou os seguintes dados: 16,9% dos alunos foram alvos de bullying; 10,9% foram alvos e, ao mesmo tempo, autores de bullying e 12,7% caracterizaram-se como autores de bullying. Sendo que esse levantamento constatou que os meninos se envolvem mais frequentemente em práticas de bullying (tanto como autor, quanto como alvo) em comparação as meninas. (CATINI, 2004).

Os trabalhos realizados por Abramovay e Rua (2002) também comprovam que os meninos têm tendência maior a comportamentos violentos em comparação às meninas. Porém, os meninos são mais propensos a praticar agressão física, enquanto as meninas apresentam uma forma de violência mais indireta e sutil. Muito embora, destaca-se que esse quadro está sofrendo modificações. Além de haver diferenças de gênero no tipo de violência praticado, ao decorrer da idade também há modificações, pois quando crianças os comportamentos de agressão física são mais comuns e chegando a adolescência o bullying direto vai dando lugar ao indireto.

As causas que levam a esse tipo de violência são extremamente variadas e estão relacionados com as experiências que cada aluno tem em sua família e/ou comunidade, o que inclui os fatores econômicos, sociais e culturais, mas também a própria personalidade do indivíduo e as influências da rede social. Algumas possíveis causas são: a convivência em ambientes agressivos; relações familiares sem diálogo e sem afetividade; presença de violência doméstica no contexto familiar; a influência da mídia e a exposição a jogos violentos e destrutivos (VIEIRA, MENDES & GUIMARÃES, 2009).

No que se refere às vítimas algumas das possíveis consequências são: a deterioração da sua autoestima e do conceito que tem de si, podendo adquirir uma depressão e baixa qualidade nas relações interpessoais. Por outro lado, os autores também precisam de intervenção profissional, visto que não sabem o que é uma educação onde haja

uma imposição de regras e limites e, podem sofrer grave deterioração de sua escala de valores (FRANCISCO & LIBÓRIO, 2009).

Por terem dificuldades na manutenção de relações positivas, os agressores conseqüentemente têm mais propensão ao envolvimento em comportamentos de risco como abuso de drogas, reproduzindo as atitudes agressivas na família e no ambiente de trabalho na vida adulta. As testemunhas também sofrem prejuízos em sua vida emocional, no lado afetivo e psicológico, pois vivem com medo e ansiedade, podendo se tornar adultos inseguros (MATOS & GONÇALVES, 2009).

O papel da escola na prevenção e combate ao problema, assim como a postura tomada frente às situações de violência também tem suas implicações. Caso a escola fique omissa perante o bullying e ignore práticas agressivas, achando que é uma atitude de criança e/ou uma brincadeira sem importância, as agressões podem se intensificar. O autor percebe quando seus atos não têm conseqüências punitivas sobre ele e continua com esse comportamento. Assim, a testemunha e a vítima podem se tornar agressores por não haver nenhuma ação por parte da escola, ou até mesmo o bullying pode chegar a casos extremos levando o alvo a pensar que a única saída para acabar com seu sofrimento seja o suicídio.

A RELAÇÃO ENTRE O BULLYING E A HOMOFOBIA

O estudo da homofobia no contexto escolar relacionado ao bullying objetiva discutir de modo aprofundado a relação entre essas temáticas que à primeira vista possam parecer totalmente díspares, mas que estão presentes em uma rede de relações intensas. Além disso, visa contribuir com maiores informações na elaboração de um apanhado teórico e em políticas públicas para construção de um espaço escolar digno e de qualidade.

Apesar do reconhecimento de que atitudes como a homofobia promovem violência, a preponderância de pesquisa não aborda nem reconhece a orientação sexual como um possível fator para prática de bullying (MISHNA *et al*, 2007). Foi evidenciada a

carência de estudos sobre a temática o que fez emergir a motivação para que tal estudo focasse especificamente no bullying praticado contra homossexuais.

Na união de temáticas como o bullying e a homofobia, percebe-se não somente a escassez de estudos que evidenciem as relações entre tais fenômenos, mas também uma invisibilidade que denota o quanto se falar de violência ligada à sexualidade ainda é uma questão que representa um tabu em pleno século XXI.

A homofobia é uma forma de discriminação contra a orientação sexual de homossexuais, ou seja, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que ainda se encontra velada, encoberta, invisível enquanto um tipo de violência que também predomina no contexto escolar. O termo homofobia foi criado no fim dos anos 90 e se refere às reações de hostilidade contra homossexuais, baseadas no entendimento de que a homossexualidade é uma perversão, algo antinatural que deve ser extinto (MURTA *et al*, 2001).

O comportamento homofóbico se expressa através de manifestações sutis, como simpatizar com homossexuais, mas rejeitar a homossexualidade na própria família, até manifestações explicitamente excludentes como insultos e negação de direitos. No que se refere às consequências do bullying homofóbico, sob a perspectiva do aluno homossexual, o que se percebe é que este se torna um aluno isolado que constantemente vira motivo de piada, visto como o “bobo da corte”, o que faz com que haja uma diminuição nas suas redes sociais e a existência de vínculos feitos na clandestinidade. Além disso, a educação sexual e afetiva do homossexual é drasticamente prejudicada (MURTA *et al*, 2001).

Um fator complicador quando se fala em bullying homofóbico é o de que sua denúncia pode envolver em alguns casos a revelação sobre a orientação sexual do aluno, o que pode gerar uma vitimização ainda maior sobre este, contribuindo para relações destrutivas na escola e também no ambiente familiar. A questão é agravada pelo preconceito em relação à liberdade de orientação sexual presente nos discursos de muitas religiões, presentes também nos vários atores da instituição escolar.

Borges e Meyer (2008) apontam que desde a década de 1920, a lei brasileira prevê a educação sexual na escola. E se antigamente havia uma resistência para

implementação dessa lei por parte da igreja católica, hoje em dia, há limitação também em boa parte da sociedade que incorporou crenças que negam a existência do vínculo entre sexualidade e ambiente escolar. A sexualidade ainda é altamente vigiada como algo ameaçador e perigoso que precisa ser contido e disciplinado.

De acordo com Garcia (2009) a utilização do conceito de bullying como base para a discussão da homofobia no ambiente escolar tem como uma de suas vantagens: chamar a atenção para a intensidade com que as diversas modalidades de violência de cunho homofóbico são exercidas neste contexto. Além de permitir relacionar esta modalidade de violência com outras também estudadas a partir deste conceito, como as motivadas por razões étnicas ou religiosas.

Segundo López Sánchez (2009, p.50) “em primeiro lugar e assim é na maior parte dos casos, a origem da homofobia reside no que outras pessoas nos transmitiram. Não se baseia em experiências pessoais, nem no conhecimento, mas na tradição oral”. Antigamente, o entendimento que se tinha sobre a homossexualidade era que essa orientação sexual representa uma perversão, uma degeneração, algo perigoso (a AIDS, por exemplo, é uma doença sexualmente transmissível que era vista como algo suscitado pelos gays). Instituições como igrejas e escolas apresentavam (e ainda apresentam) os homossexuais como pessoas pervertidas e indesejáveis.

No âmbito desse complexo tema, é importante abordar o papel exercido pela sociedade na construção de mecanismos homofóbicos e na vigilância sobre a sexualidade dos estudantes, advindos de uma política de não aceitação à diversidade sexual. Assim, conforme Junqueira (2009), a escola é um lugar em que jovens enquadrados na categoria LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) enfrentam constantemente discriminações por parte de colegas, professores, dirigentes e servidores escolares e, às vezes, encontram dificuldades em serem aceitos e integrados nas atividades da escola, seja nos trabalhos em grupo ou os exercícios na educação física, etc.

Os professores podem apresentar atos que entram em concordância com uma cultura homofóbica ao não permitir brincadeiras mais próximas entre garotos, por exemplo,

como forma de assegurar a norma heterossexual. Ou até mesmo aplicar punições em crianças que apresentem comportamentos considerados como destoantes da identificação sexual (meninos mais delicados, por exemplo), o que se configura como outra forma de manutenção da heteronormatividade (BORGES & MEYER, 2008).

A INFLUÊNCIA DA HETERONORMATIVIDADE

Mesmo antes de nascermos já pertencemos a um determinado grupo social e já portamos uma determinada identidade de gênero. Por exemplo, a partir do momento em que uma grávida descobre o sexo do seu bebê, decisões são tomadas e expectativas são geradas em torno de um ser que ainda nem nasceu. Escolhas como se o quarto e o enxoval serão da cor rosa ou azul e os tipos de brinquedos que serão comprados, são determinadas pelo gênero do bebê. À proporção em que o filho (a) vai crescendo, outras decisões são tomadas: se for menino vai praticar esportes como futebol, boxe, atividades que afirmem sua virilidade e sua força física, porém em se tratar de uma menina fará balé, dança e vai praticar esportes e brincadeiras mais delicados que assegurem sua feminilidade.

Na construção social dos papéis sexuais, a heteronormatividade vai adquirindo os seus contornos, pois há uma divisão entre o que pertence ao território masculino e o que pertence ao feminino e, a orientação sexual considerada padrão é aquela na qual há a relação entre seres do sexo oposto.

Por heteronormatividade entende-se a regulação do sexo, do gênero, do desejo e das práticas sexuais nas categorias binárias que são masculino e feminino, distintas, complementares e hierarquizadas. Define desse modo, a estética, os comportamentos e os papéis sociais aceitáveis para cada gênero, em lógica dicotômica que marginaliza os que se desviam de qualquer desses padrões (LEITE, 2011, p.14).

Em pleno século XXI, o que seria feminidade e masculinidade? Por mais que o mundo esteja em constante processo de mudança, não sendo uma estrutura estagnada, certos paradigmas e pensamentos parecem não acompanhar essas modificações sofridas ao longo do tempo. Hoje em dia, ainda se espera que a menina tenha comportamentos frágeis

e submissos e que o menino seja mais forte, tenha comportamentos mais agressivos, agitados e viris. Há a divisão de dois territórios, o masculino e o feminino e, quem ousa transitar de um universo para o outro acaba sendo rotulado por ser considerado anormal/fora dos padrões.

Com base nessas características e atitudes esperadas para o indivíduo do gênero masculino e do gênero feminino, há a construção de rótulos voltados aos que não se enquadram no padrão considerado “normal” pela sociedade. Por exemplo, se o garoto apresenta uma maior sensibilidade e delicadeza já é visto como homossexual, sendo apelidado de “bichinha”, “mulherzinha”, “viado”, entre outros.

Já no caso das meninas, se uma estudante usa roupas masculinas, não usa maquiagem e apresenta-se como uma pessoa forte de um comportamento mais agressivo, recebe denominações populares como “mulher-macho” e “Maria-sapatão”. Conforme exposto por Garcia (2009) pesquisas em diferentes países examinam a escola como um lugar propenso para que haja a produção de masculinidades, feminilidades e sexualidades defendidas e aprovadas através de valores estipulados pela sociedade.

De acordo com Borges e Meyer (2008) os níveis de violência contra homossexuais podem variar de acordo com os comportamentos executados por eles. Se o homem homossexual não apresenta uma feminilidade está propenso a ser vítima de uma homofobia menos violenta em comparação com o que tem trejeitos de mulher.

A homofobia no Brasil recebe um reforço cultural que é a desvalorização de tudo que é feminino ou coisa de mulher. Os homens que se aproximam de um comportamento socialmente identificado como feminino serão fortemente vigiados, discriminados e, certamente, sofrerão vários tipos de penalidades na escola (BORGES & MEYER, 2008, p.66).

Pesquisas como as realizadas por Leite (2011) comprovam a influência da heteronormatividade nos comportamentos homofóbicos, a autora constata que a exclusão das situações de homofobia dos sentidos da violência no contexto escolar, a despeito da sua gravidade, era favorecida pela heteronormatividade que ali prevalecia e que não era propriamente a orientação sexual dos alunos o foco da discriminação e do preconceito. Após

presenciar atos de violência de cunho homofóbico, a autora buscou se informar quanto ao fundamento da identificação de alguns estudantes como homossexuais e comprovou que em nenhum dos casos houvera autoidentificação como homossexual, sempre se tratava de uma heteroidentificação sexual justificada apenas pelos modos comportamentais dos alvos de repulsa (LEITE, 2011).

De acordo com Toneli (2006) a heteronormatividade é fortemente presente nos dias atuais como algo que faz parte da normalidade e as explicações científicas para a homossexualidade ainda reproduzem e perpetuam o fenômeno enquanto doença ou uma imoralidade e desrespeito à noção de família tradicional, ou seja, mãe, pai e filho. É recente a exclusão da homossexualidade como um transtorno mental no DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), por isso o homossexual ainda é visto como um desviante que pode se regenerar ou passar por algum tipo de tratamento.

A partir de estudo sobre as intervenções de combate à homofobia, Garcia (2009) constata que a heteronormatividade presente em nossa sociedade é influência marcante no ambiente escolar, sugerindo a necessidade de estratégias de enfrentamento que ultrapassem o foco exclusivo na escola, buscando ações que contemplem desde funcionários e professores, até alunos e pais. Como forma de enfrentamento da homofobia presente na escola e em outros ambientes sociais, é imprescindível expor a invisibilidade que há em torno da violência homofóbica que se dá nas práticas reforçadoras de uma norma heterossexual (LEITE, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teórico propõe uma temática que a cada vez mais vem ganhando notoriedade social. Como a investigação engloba as interações sociais, a escola é um ambiente totalmente propício e favorável para pesquisa, pois se constitui em um espaço rico em relações sociais, carregado de valores e crenças intrínsecos nas atitudes das crianças e adolescentes uns com os outros, entre eles e os professores e nos grupos dos quais fazem parte.

Imprescindível na abordagem desse assunto tabu é a reflexão do papel exercido pelas instituições de poder, tal como a escola, no que concerne ao controle e vigilância da sexualidade dos indivíduos. Com o levantamento bibliográfico foi possível constatar o quanto a orientação sexual ainda é negligenciada enquanto um fator motivacional para ocorrência do bullying. O que se percebe é que a sociedade se exime de seus deveres enquanto instância que deve garantir a segurança e proteção dos indivíduos.

Embora defenda ideais de igualdade e respeito à diversidade, a comunidade não está mobilizada como deveria em prol da causa e ainda mantém paradigmas nos quais a mulher deve ser submissa ao homem e onde a heterossexualidade ainda é a única orientação sexual considerada normal e aceitável. A questão aqui não é a defesa da homossexualidade e crítica a heterossexualidade, mas sim o debate que defende a ideia de uma sociedade realmente igualitária onde prevaleça o respeito à diversidade.

Casos de bullying e homofobia acontecem todos os dias, mas não são amplamente divulgados ou alguns simplesmente caem no esquecimento. Porém a problemática é abordada através de uma perspectiva individualizante em torno do agressor e há uma busca por culpados, seja o aluno ou a família, entre outros. É fundamental pensar que os praticantes da violência apesar de serem responsáveis pelos atos cometidos, muitas vezes são considerados o “lixo” da sociedade, mas são frutos de uma produção social que envolve relações complexas que contemplam a família, a escola e comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. Violencias en las escuelas: un gran desafio. In: **Revista Iberoamericana de Educación (Online)**, Espanha, v. 38, 2006, p.55-66.

ABRAMOVAY, M., RUA, M. das G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2002.

ANTUNES, D. C; ZUIN. A. A. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. In: **Psicologia e Sociedade**; v. 20, n. 1, 2008, p. 33-42.

BORGES, Z.N; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, 2008, p. 59-76.

CATINI, N. **Problematizando o “bullying” para a realidade brasileira**. Campinas: PUC-Campinas, 2004.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.

FRANCISCO, M. V. & LIBÓRIO, R. M. C. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.22, n.2, 2009, p. 200-207.

JUNQUEIRA, R.D. (org). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

GARCIA, M. R. V. Homofobia e Heterossexismo nas escolas: Discussão da produção científica no Brasil e no mundo. **IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional**. Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP, 2009, p. 1-15.

LEITE, M. S. Significação da violência e heteronormatividade no contexto da prática curricular. In: **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7, n.1, 2011, p. 1-18.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. In: **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005, p. 164-172.

LÓPEZ SÁNCHEZ, Félix. **Homossexualidade e família: novas estruturas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

MATOS, M. G; GONÇALVES, S. M. P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. In: **Revista Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 10, n. 1, 2009, p. 3-15.

MISHNA, F; NEWMAN, PA; DALEY, A and SOLOMON, S. Bullying of Lesbian and Gay Youth: A Qualitative Investigation. **The British Journal of Social Work**, 2007, p. 1-17.

MOURA, DR; CRUZ, AC; QUEVEDO, LA. Prevalence and characteristics of school age bullying victims. In: **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, 2011, p. 19-23.

MURTA, S. G., ROSA, I. O; MENEZES, J. C. L., RIEIRO, M. R. S., OLIVEIRA, V., PAULO, S. G., BORGES, O. S., & MIRANDA, V. H. Sobre a Violência Homofóbica na Educação Brasileira. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, 2011, p. 438-441.

NEVES, A.S; REZENDE, P.S.M; TORO; G.V.R. Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. In: **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 1, 2010, p. 123-137.

Organização Mundial da Saúde. **World Report on Violence and Health**. Geneva: World Health Organization Press, 2002. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en//>. Acesso em: 14/01/2012.

SPOSITO, M. P. **As vicissitudes das políticas públicas de redução da violência escolar**. In: WESTPHAL, M. F. (Org.). *Violência e criança*. São Paulo: Edusp, 2002.

TONELI-SIQUEIRA, M. J. F. Homofobia em contextos jovens urbanos: contribuições dos estudos de gênero. In: **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 7, nº 2, 2006, p. 31-38.

VIEIRA, T. M., MENDES, F. D. C. & GUIMARÃES, L. C. De Columbine à Virgínia Tech: Reflexões com Base Empírica sobre um Fenômeno em Expansão. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, 2009, p. 493-501.

Recebido: 09/06/2012

Aprovado: 21/10/2012